



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ELISA GABRIELY SOUSA BARRETO

**UMA FESTA PARA A CAPITAL DO SERTÃO: NOSSA SENHORA DA GLÓRIA-SE ENTRE
HISTÓRIA, IDENTIDADE E DEVOÇÃO**

**SÃO CRISTÓVÃO
2025**

**UMA FESTA PARA A CAPITAL DO SERTÃO: NOSSA SENHORA DA GLÓRIA-SE ENTRE
HISTÓRIA, IDENTIDADE E DEVOÇÃO**

ELISA GABRIELY SOUSA BARRETO

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do diploma em Licenciatura Plena
em História, correspondente ao período
letivo de 2024.2 da Universidade Federal de
Sergipe (UFS).

Orientação: Prof. Dr. Claudefranklin
Monteiro Santos

**SÃO CRISTÓVÃO
2025**

Agradecimentos

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, em primeiro lugar, a Deus, que me sustentou até aqui, e a Sua terna Mãe, que lançou o seu olhar sobre mim.

Dedico-o, também, aos meus pais, que não mediram esforços para que eu obtivesse um diploma, e que sempre me incentivaram a crescer na vida através da educação. Hoje, eu acredito que é por meio da educação que podemos alcançar lugares melhores.

Expresso sincera gratidão a toda a minha família, que tanto me ajudou ao longo da minha jornada universitária, e aos meus amigos, com os quais dividi os dias de correria ao longo de quatro anos e meio.

Deixo aqui o meu muito obrigada a cada um que esteve presente em minha vida durante o tempo da graduação.

Agradeço a todos aqueles que tive o prazer de encontrar durante a minha trajetória como universitária. Cada um deixou marcas em mim que nunca serão apagadas.

Registro, ainda, o meu agradecimento a Jéssica da Silva Souza, minha professora de História do ensino fundamental que tanto agregou em minha vida acadêmica e pessoal. Hoje menciono o seu nome aqui como uma forma de manter viva a sua memória, assim como ela está para mim; o seu legado nunca será esquecido por aqueles que a amam.

Dedico, em especial, a meu amigo Hermesson Gurgel dos Santos, que também não está mais conosco fisicamente. A sua lembrança estará sempre presente em meu coração.

Resumo

O presente artigo se embasa na problemática da devoção centenária da festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória, recorrendo-se a conceitos como os de festa, identidade e devoção. A investigação empreendida almeja analisar aspectos como História, identidade e devoção, elementos tais que se fazem presentes na festa religiosa em questão. Utiliza-se como fontes históricas, nesta pesquisa, periódicos, iconografia e recursos audiovisuais relacionados com o evento examinado, além de relatos orais de testemunhas sobre a referida festa. O quadro teórico se constitui de autores como Fernando Torres Londoño (2000), que examina o conceito de devoção; Verena Alberti (2005), que analisa a história oral e como ela deve ser trabalhada em pesquisas científicas; Roger Chartier (1990), que estuda os símbolos, explorando as práticas e as representações; Michael Pollak (1992), que se debruça sobre o conceito de identidade; e Claudefranklin Monteiro Santos (2013), que trabalha com o conceito de festa.

Palavras-chave: devoção; identidade; Nossa Senhora da Glória.

Abstract

This article is based on the problem of the centennial devotion to the feast of the patron saint of Nossa Senhora da Glória, using concepts such as feast, identity and devotion. The research undertaken aims to analyze aspects such as History, identity and devotion, elements that are present in the religious feast. The historical sources used in this research are periodicals, iconography and audiovisual resources related to the event under examination, in addition to oral accounts of witnesses about the aforementioned feast. The theoretical framework is made up of authors such as Fernando Torres Londoño (2000), who examines the concept of devotion; Verena Alberti (2005), who analyzes oral history and how it should be worked on in scientific research; Roger Chartier (1990), who studies symbols, exploring practices and representations; Michael Pollak (1992), who focuses on the concept of identity; and Claudefranklin Monteiro Santos (2013), who works with the concept of feast.

Keywords: devotion; identity; Nossa Senhora da Glória.

Apresentação

Desde 1959, promove-se, anualmente, na cidade de Nossa Senhora da Glória, localizada na microrregião do Alto Sertão Sergipano, a prestigiada festa da padroeira homônima do município, que mobiliza a sociedade em torno de uma manifestação de fé e devoção popular. Essa festa religiosa acontece até os dias atuais, o que revela a continuidade da devoção à santa por quase sete décadas.

Esta pesquisa visa compreender se a devoção à santa é centenária, bem como entender se a festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória é formadora da identidade do povo gloriense. Assim sendo, busca-se, também, manter viva a memória dessa festa religiosa de uma cidade do Alto Sertão, bem como contribuir para a uma maior visibilidade dela.

Durante a revisão bibliográfica não foram encontrados trabalhos acadêmicos ou outros tipos de referências que versam sobre a festa em pauta, sendo que este Trabalho de Conclusão de Curso consiste, possivelmente, na primeira pesquisa historiográfica desenvolvida acerca da referida temática. Posto isso, sugere-se que a presente análise contribuirá para a historiografia gloriense e sergipana, no sentido de lançar luz sobre tal problemática, e também deve-se explorar ainda mais o tema proposto, visando um maior número de estudos acerca da festa da padroeira, bem como sobre a história da cidade de Nossa Senhora da Glória, de forma geral.

Com o intuito de alcançar o objetivo almejado, recorreu-se a alguns conceitos que se apresentam importantes, haja vista que se relacionam direta ou indiretamente com o objeto de pesquisa, tais como os de festa, de identidade e de devoção. Nessa perspectiva, as discussões teórico-metodológicas suscitadas por autores que se debruçam sobre os fatores supracitados se fazem relevantes, com destaque para Fernando Torres Londoño (2000), Michael Pollak (1992), Roger Chartier (1990), Claudefranklin Monteiro Santos (2013), Verena Alberti (2005) e Keile Jayne Nascimento Santos (2024).

O aparato de fontes utilizadas se constitui de elementos documentais (o *Livro de Tombo I* da Paróquia de Nossa Senhora da Glória e os periódicos sergipanos *A Cruzada* e *A Defesa*) e iconográficos (fotografias da festa), além de relatos orais fornecidos por pessoas envolvidas na realização do evento. As fontes foram consultadas presencialmente na Secretaria Paroquial, e de forma virtual, por meio do acesso à plataforma on-line *Jornais de Sergipe*, que é mantida pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), e contém o acervo digitalizado da hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).

A primeira parte do artigo focaliza o histórico da cidade de Nossa Senhora da Glória e delinea, em largos traços, os seus aspectos sociais, culturais e econômicos. Na segunda seção, descreve-se a realização da festa no município e problematiza-se a longevidade da devoção

manifestada pelos fiéis perante a santa padroeira. Já na terceira e última parte, empreende-se uma tentativa de demonstrar que a festividade em questão constitui um elemento formador da identidade sociocultural desse município sergipano. Ressalta-se, no entanto, que, a julgar pela complexidade do tema e pela exiguidade do espaço, não se intenciona esgotar a problemática investigada, uma vez que outras análises poderão preencher as lacunas que permanecerão.

De Boca da Mata a Nossa Senhora da Glória

Antes de receber a atual denominação de Nossa Senhora da Glória, a povoação que correspondia a seu território era chamada de Boca da Mata. A nomenclatura remete à história da região, que era repleta de matas, e durante a noite os viajantes descansavam no local para no dia seguinte seguirem viagem sertão afora. Assim, os moradores locais passaram a chamar o lugar de Boca da Mata. O termo foi adotado por tropeiros que por ali passavam.

Posteriormente, o capelão Francisco Gonçalves Lima promoveu uma campanha junto aos moradores da região para a aquisição de uma imagem de Nossa Senhora da Glória. Quando ela foi obtida, rebatizou-se o local com o nome da santa, o qual perdura no município até os dias de hoje. Essas informações acerca da história da cidade foram coletadas no website da prefeitura e nos permitem relancear o passado do lugar desde os seus primórdios, ainda que alguns dados apresentados no portal on-line careçam de fontes concretas.

De acordo com as informações disponibilizadas, o histórico político da chamada Boca da Mata teve início em 1922, quando a povoação se tornou sede do 2º Distrito de Paz de Gararu. Seis anos depois – já com o nome de Nossa Senhora da Glória –, elevou-se à condição de vila e foi desmembrada de Gararu no dia 26 de setembro de 1928, data em que é comemorada no município a sua emancipação política. Durante certo período, a cidade pertenceu à comarca de Capela. No dia 1º de janeiro de 1929, nomeou-se para a gestão do município o seu primeiro intendente, João Francisco de Souza, responsável pela construção da prefeitura. Esse gestor foi eleito para o período de 1930 a 1934, mas o mandato foi interrompido pelo Golpe de 1930.

Ainda segundo o *website*, o desenvolvimento da economia pastoril do Sertão Sergipano exerceu influência na instalação dos currais de gado na localidade, bem como no processo de ocupação espacial, que pouco a pouco devastaria a mata de vegetação muito alta, com vistas ao estabelecimento de comunidades na região.

Atualmente, a cidade de Nossa Senhora da Glória é considerada uma das maiores bacias leiteiras do estado de Sergipe, sendo, por isso, denominada de “Capital do Leite”, o que se deve justamente à elevada produção de leite e seus derivados no município. Essa produção leiteira ocasionou a instalação de três fábricas – Betânia, Natulact e Natville –, o que de certa forma

impulsiona a economia, já que as fábricas geram empregos para os habitantes, e os seus produtos são comercializados tanto na cidade de origem, quanto fora dela.

Promove-se, eventualmente, no município, atrações culturais, como a Festa Literária de Glória (FLIG) e o festival de música e arte independente Rock Sertão, as quais reúnem pessoas na “Praça do Coreto” para acompanhar apresentações e palestras organizadas por grupos com o apoio da prefeitura. Há, também, festas tradicionais da cidade, a exemplo do Forró da 15, que acontece anualmente, no mês de junho, na Praça 15 de Agosto; o Carna Forró, evento realizado também anualmente na Praça de Eventos da cidade, e cujo nome une as palavras “carnaval” e “forró”; e a Expo Glória, promovida em um parque de exposições, contando com leilões de animais e exposição de lojas voltadas ao setor rural e à produção de leite.

Além disso, a cidade gloriense é, ainda, conhecida pelo apelido de “Capital do Sertão”, justificado pela existência de uma feira livre que é avaliada como a maior feira do Alto Sertão Sergipano. Tal feira abarca não apenas a venda de gêneros alimentícios, mas a comercialização de uma variedade de artigos, como roupas, bolsas, calçados, esmaltes, utensílios domésticos, produtos religiosos etc.

Nessa perspectiva, Keile Jayne Nascimento Santos (2024, p. 2) afirma:

Ao longo dos anos, essa feira tem desempenhado um papel fundamental na vida da comunidade gloriense, transcendendo sua função comercial para se tornar um símbolo do patrimônio imaterial do estado de Sergipe. Além de ser um centro de comércio, a feira livre representa um elemento cultural crucial para a cidade, desempenhando um papel significativo nas interações sociais, econômicas e culturais da comunidade. Como resultado, a feira livre se estabelece como um verdadeiro centro da vida urbana em Nossa Senhora da Glória.

Ressaltamos que as informações aqui elencadas acerca do histórico político, econômico e social do município de Nossa Senhora da Glória se fazem importantes para compreendermos o passado da região que constitui o recorte territorial trabalhado na presente pesquisa.

Uma devoção centenária

Antes de adentrar especificamente na festa em questão, devemos apresentar alguns conceitos com base na historiografia, como, por exemplo, o de devoção, abordado pelo historiador colombiano Fernando Torres Londoño (2000), que, ao se debruçar sobre a religiosidade, argumenta que as devoções não só se conservam, como, também, se transformam ao longo do tempo.

A devoção constitui um espaço de leigos, não religiosos que tem como base a preservação de uma tradição, utilizando-se de recursos como a veneração de imagens, pedidos

e promessas dos fiéis, visando a obtenção de uma graça por intermédio de um determinado santo. Além disso, é através da devoção que podemos perceber as representações tomando forma, principalmente, no meio religioso, âmbito no qual a devoção é expressada por meio de práticas. Torna-se necessário, portanto, compreender os conceitos de práticas e representações, suscitados pelo historiador francês Roger Chartier (1990), que caracteriza as práticas como um modo de justificar determinados símbolos e representações, sendo que ambos os conceitos têm ligação com a forma com a qual os atores sociais traduzem as suas posições e interesses em relação ao objeto ou símbolo representado.

Nesse sentido, Chartier (1990, pp. 16-7) afirma que a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.

É relevante, também, apresentar o conceito de festa conforme Monteiro Santos (2013), que trata de festas como uma constante da História brasileira. Para o autor, festejar no Brasil é um elemento comum no que se refere aos variados eventos que ocorrem nacionalmente, sejam estes civis, religiosos ou militares. Tais eventos são promovidos com uma diversidade de ritos e feitos, os quais demonstram o que a festa representa para a cultura brasileira.

Sendo assim, as festas se revestem de simbologia e de significados, inclusive no meio religioso, no qual importantes aspectos se revelam – cânticos, procissões, artifícios pirotécnicos e atrações musicais; o conjunto formado por esses elementos compõem a festa, que, por sua vez, ajuda a formar a identidade de um povo.

No dia 13 de fevereiro de 1959, o bispo diocesano de Aracaju Dom José Vicente Távora fundou a paróquia de Nossa Senhora da Glória na cidade de mesmo nome; na ocasião, assumiu o posto de pároco da recém-criada paróquia o padre José Amaral de Oliveira, de acordo com informações aferidas no *Livro de Tombo I* (1959-1971) da referida igreja.

Dados coletados no *Livro de Tombo I* e no website da prefeitura indicam que, antes mesmo da fundação da paróquia, a devoção à santa já existia na cidade, a julgar pelo fato acima citado de o capelão Francisco Gonçalves Lima ter a iniciativa de adquirir uma imagem de Nossa Senhora da Glória para ser consagrada como padroeira do lugar, o que ocasionou a devoção à santa e a conseguinte mudança de nomenclatura do município.

A festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória consiste em um evento religioso que ocorre anualmente no mês de agosto desde a fundação da paróquia, em 1959. Consultando os jornais veiculados à época em Sergipe, identificamos, por exemplo, na edição do periódico *A cruzada* publicada no dia 8 de agosto de 1959, uma interessante menção àquele evento em uma matéria de primeira página, intitulada como “Festa da padroeira da cidade de N. S. da Glória”.

No texto em questão, comunica-se que “A recém-criada Paróquia de Na. Sa. da Glória celebrará solenemente, no próximo dia 16 de agosto, a primeira festa de sua excelsa Padroeira [...]”. O jornal ressalta, assim, o fato de a festa ser promovida pela primeira vez naquele ano, o que nos induz a constatar a sua longevidade, uma vez que ela é realizada há quase sete décadas.

Ainda na mesma matéria, os redatores d’*A Cruzada* destacavam:

O vigário da Paróquia Pe. José Amaral de Oliveira e as Comissões Organizadoras da festa estão convidando a todos os católicos de N. Sa. da Glória e das cidades vizinhas para estas solenidades, bem como para a recepção da Imagem Peregrina de Fátima, que irá de Aracaju em romaria, a fim de abrilhantar a festa.

Nesse fragmento, nota-se que o pároco convidava, publicamente, por meio da imprensa, a todos os católicos para celebrar a festa, e, também, para recepcionar a chegada da imagem peregrina de Fátima, levada à cidade com o intuito de enriquecer a festa local.

Na edição do periódico *A Cruzada* do dia 4 de agosto de 1962, há uma seção dedicada à festa da padroeira, com o título “Festa de N. S. da Glória”, onde se lê:

No dia 15 do corrente ano, realizar-se-á, com o brilhantismo dos anos anteriores, a Festa da padroeira de N. S. da Glória. As solenidades, conforme o programa organizado, contará com a presença da Banda de Música de meninos de Rosário do Catete e de várias caravanas dos municípios vizinhos. Haverá missa solene às 9 horas celebrada pelo padre José Amaral e grandiosa procissão da padroeira, à tarde.

Nesse texto, o jornal destaca a presença da banda de música dos meninos da cidade de Rosário do Catete, cujo intuito era abrilhantar a festa, e ressalta a presença de fiéis de outros municípios, destacando, assim, a importância do evento para outras regiões próximas.

Com o decorrer do tempo, os jornais católicos *A Defesa* e *A Cruzada* destacariam fatos acerca da festa em honra a Nossa Senhora da Glória. Nessa perspectiva, podemos citar a edição de 22 de agosto de 1962 d’*A Defesa*, um periódico pertencente à Diocese de Propriá, à qual a Paróquia de Nossa Senhora da Glória está vinculada. Nesse número do jornal, noticiava-se:

Ocorre hoje a festa litúrgica de Nossa Senhora da Glória, mas, por razões práticas, as comemorações foram antecipadas no dia 12. A cidade viveu dias de grande entusiasmo mariano, tendo tido a orientá-la o seu dinâmico pároco, Pe. José Amaral de Oliveira. Vários sacerdotes abrilhantaram o novenário e, no dia 12, os oitenta seminaristas de Aracaju, entre os quais 17 de Propriá, vieram dar realce às festividades. Cantaram a missa e ajudaram nas cerimônias, despertando a admiração unânime dos glorienses.

Evidencia-se, em primeiro lugar, que *A Defesa* advertira os leitores sobre a antecipação da festa para o dia 12 de agosto, sem, contudo, esclarecer o motivo, que é sintetizado por meio dos termos vagos e inconclusivos “por razões práticas”. Por outro lado, o periódico ressaltava

a importância do evento para a cidade, bem como para os sacerdotes e seminaristas da Diocese de Propriá e da Arquidiocese de Aracaju.

Para além de celebrar anualmente a santa que nomeia a cidade de Nossa Senhora da Glória, a festa em questão também faz parte da história do povo gloriense, visto que constitui um dos maiores símbolos de devoção da cidade por reunir muitos católicos para participar da solenidade referente a Nossa Senhora. Assim, a festa da padroeira ocorre sempre entre os dias 6 e 15 de agosto, sendo que, entre os dias 6 e 14, acontecem, no período noturno, os novenários em honra à santa, seguidos por atrações culturais contratadas pelo governo municipal, além de uma quermesse, cujos alimentos são doados por fiéis da paróquia.

Nessa perspectiva, podemos citar a edição do periódico *A Defesa* publicada no dia 4 de setembro de 1968, na qual os redatores dedicam uma matéria para comunicar os seus leitores que “Nossa Senhora da Glória, no Alto Sertão de Sergipe, realizou, na primeira quinzena de agosto, a festa de sua padroeira. Precedida de um novenário, a solenidade contou com a presença do Côn. Edgard Britto e de D. José Brandão de Castro [...]”.

No decorrer dos dias festivos, ocorre a tradicional Procissão dos Motoristas, na qual os automóveis conduzidos por fiéis percorrem as ruas da cidade em meio a cânticos e louvores à “Mãe da Glória”. Para comprovar que essa procissão automotiva também é longeva, recorreremos a um texto impresso no número do dia 7 de setembro de 1971 d’*A Defesa*, que, mesmo depois de três semanas do encerramento da festa da padroeira, e em pleno feriado da Independência do Brasil, alude, ainda que na última página, à realização da Procissão dos Motoristas em Nossa Senhora da Glória:

Realizou-se, no dia 15 de agosto, na cidade de N. Sra. da Glória, a festa anual da padroeira. Precedida de um novenário patrocinado pelas diversas classes do município, destacou-se entre as demais a noite da novena dos motoristas, dia 14. Os Srs. Agnaldo Rodrigues, Moacir Alves de Oliveira, Agnaldo Cardoso e Waldemar Bispo dos Santos organizaram uma bela procissão dos motoristas, que partiu da casa do Sr. Milton e Guiomar Souza Melo, distante da cidade uns três quilômetros, conduzindo a imagem em carro aberto e feericamente iluminado. O cortejo motorizado percorreu a cidade, chegando à matriz às 21 horas, quando foi celebrada a missa pelo bispo da Diocese, D. José Brandão de Castro [...].

Há, ainda, uma cavalcada e o Leilão da Padroeira, que objetiva angariar recursos para a manutenção da paróquia.

O dia 15 de agosto é considerado um dia festivo para os glorienses, pois nele é celebrada a sua padroeira. O dia se inicia com a Alvorada; pela manhã, acontece a Missa Solene com a presença da filarmônica *Agnus Dei*; pela tarde, realiza-se a contagem de votos das rainhas e bonecas da festa da padroeira – jovens que se prestam a servir em prol da arrecadação de fundos

para a igreja. A contagem é sucedida pela coroação dessas jovens. Em seguida, acontece a Missa de Encerramento com a presença do bispo da diocese, e uma procissão que percorre as ruas da cidade conduzindo os fiéis devotos de Nossa Senhora da Glória enquanto cantam e louvam o dia festivo em alusão à santa. Por fim, promove-se uma queima de fogos na praça da igreja.

As informações acima citadas podem ser também comprovadas por meio da edição de 7 de setembro de 1971 d' *A Defesa*, cujos articulistas detalham alguns dos referidos elementos:

No dia 15, pela manhã, houve missa solene, celebrada pelo vigário. A banda de música do “Corpo de Bombeiros” esteve presente abrilhantando a festa [...].

A procissão de encerramento teve lugar às 16 horas, sendo a imagem levada novamente em carro aberto, que percorreu todas as ruas da linda cidade sertaneja. No final da procissão, o vigário agradeceu a todos os que contribuíram para o brilhantismo das festividades [...].

É possível inferir que a devoção precede à “oficialização” da festa, em 1959, tendo em vista o fato de a imagem da santa, adquirida por iniciativa popular, ter sido capaz de modificar a nomenclatura da localidade, o que sugere que, embora a festa propriamente dita seja mais recente, a devoção aparenta ter origem mais longínqua, ainda que imprecisa.

Uma festa, uma identidade

Antes de adentrar na temática, faz-se necessário compreender o conceito de identidade baseado em Michael Pollak (1992), autor que afirma que a identidade está relacionada com a memória, visto que envolve acontecimentos passados e a construção desse passado na memória individual e coletiva. Dessa forma, a identidade consiste em um fenômeno de identificação com um determinado passado, e esse sentimento é responsável pelo pertencimento de uma pessoa a um grupo ou evento específico. A identidade se constitui como um vestígio que fica gravado na memória de um indivíduo ou de um grupo.

Pode-se entender que a festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória é formadora da identidade do povo gloriense, considerando que a religião se constitui como uma peça fundamental na construção da identidade brasileira, de forma geral, e sergipana, de modo particular. De acordo com Monteiro Santos (2013, p. 21):

O estudo da religiosidade permite vislumbrar o entendimento acerca da formação do sentimento de pertencimento, ao passo em que questões como singularidade e alteridade tornam a compreensão de manifestações e representações coletivas mais claras e significativas no campo da pesquisa histórica. Elementos como cultura, sociedade e história reacendem as discussões em torno de aspectos pouco ou nem sempre levados em conta, como o cotidiano, mais de perto, da festa.

De acordo com Verena Alberti (2005, p. 155), a História oral permite o registro de testemunhos, além do acesso a “histórias dentro da história”, ampliando, desse modo, as

possibilidades de interpretação do passado. As entrevistas de História oral se tornam, assim, uma possibilidade de conhecer novas perspectivas acerca do objeto de estudo, que, nesse caso, é a festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória. Por meio dos seus relatos, os entrevistados podem expressar as suas subjetividades em cada fala durante a realização das entrevistas.

No sentido de elucidar a problemática trabalhada nesta pesquisa, fizeram-se necessários alguns depoimentos de participantes dessa festa. Posto isso, realizou-se, a princípio, a entrevista com M. de D. A. S., 66 anos, cujas perguntas foram voltadas para a devoção, especialmente no que se refere à sua grande admiração pela imagem de Nossa Senhora da Glória, bem como à sua vida dedicada ao serviço da Igreja. Em seu relato, a entrevistada declarou:

Participar da festa da padroeira é uma experiência maravilhosa. É sempre muito bom participar dessa festa. A cada festa, eu cresço na minha intimidade com Deus; a cada ano a gente se renova, é como se a festa de Nossa Senhora da Glória fosse um retiro espiritual para mim. Eu vou crescendo a cada dia e a cada festa.

Em relação a seu sentimento de pertencimento à festa da padroeira, a entrevistada M. de D. A. S. respondeu que manifesta amor e gratidão.

Também foi realizada uma entrevista com o pároco O. F. C. das V., 60 anos, sacerdote que recebeu o título eclesiástico de monsenhor no ano de 2006, quando se tornou vigário-geral da Diocese de Propriá. O entrevistado foi nomeado pároco da igreja de Nossa Senhora da Glória no dia 3 de fevereiro 2013. Uma das perguntas dirigidas a ele se relaciona com a sua perspectiva de líder religioso acerca da contribuição da festa da padroeira para o município.

Em sua resposta, o pároco declarou:

A contribuição da festa da padroeira para a cidade é numa maior conscientização que, sem a presença de Deus, sem os santos da igreja, nós não somos muita coisa, somos humanos e temos nossos limites, e às vezes conseguimos chegar até determinado ponto, e dali para lá só Deus. E aí pedimos a intercessão, nesse caso da gente aqui, de Nossa Senhora, com o título de Nossa Senhora da Glória. Então, com certeza, é algo de muito importante para os cristãos católicos aqui, não somente os dos tempos antigos, mas também os de hoje.

A outra pergunta direcionada ao entrevistado foi sobre sua experiência como pároco ao participar dessa festa ao longo de 12 anos. Acerca disso, o entrevistado afirmou:

A festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória é uma festa, realmente, onde a população cristã católica demonstra a sua fé em Maria Santíssima, e todos os anos com temas diferenciados, de acordo com o que a igreja vai vivendo, seja de campanha, seja de temas sugeridos pela Conferência Nacional dos Bispos no Brasil, também seja pela própria Igreja de Roma. A gente percebe que a população, ela vem com frequência, claro, porque é festa, mas a cada ano a gente nota uma participação maior dos fiéis, então não é simplesmente um vir por vir, mas é uma demonstração realmente de fé e de carinho para

com Nossa Senhora e também para recarregar as baterias da fé. É uma forma de revitalizar a sua crença, a sua fé na Igreja Católica através de Maria Santíssima.

Sendo assim, a festa da padroeira tem recepcionado cada vez maior quantitativo de fiéis ao longo dos anos, o que demonstra a importância conferida à festa por católicos da região que vão à festa a fim de demonstrar o seu carinho e a sua fé em Deus por meio de Maria.

Realizou-se, então, uma outra entrevista, dessa vez com M. de L. V. dos S., 70 anos, que faz parte da Igreja, atuando como Ministra da Eucaristia e como integrante de alguns dos grupos marianos da paróquia, como o Terço das Mulheres e a Legião de Maria, o que demonstra a sua dedicação e admiração pela Virgem Maria. A entrevistada esclareceu, de antemão, que atualmente é aposentada e dispõe de todo o seu tempo para se dedicar ao serviço da Igreja. As perguntas a ela dirigidas se fundamentaram, em particular, na tradicional eleição das candidatas a rainhas e bonecas da festa da padroeira, cujo intuito é arrecadar fundos para a paróquia.

A entrevistada em questão, que é organizadora dessa eleição, registrou:

Quanto a essa tradição, para mim é gratificante. Eu gosto muito de fazer esse trabalho, de trabalhar com essas jovens e crianças, e são períodos proveitosos. E a gente procura jovens e crianças que estejam empenhadas na Igreja, porque a gente não tem como pesquisar, então escolhemos pessoas da Igreja para que tudo ocorra na santa paz. Eu faço isso há muitos anos e eu gosto.

Em relação às rainhas e bonecas da festa da padroeira, há algumas entrevistas gravadas pelos crismandos do ano de 2023, os quais entraram em contato com as rainhas e bonecas eleitas em edições anteriores da festa e pediram que gravassem um vídeo discorrendo acerca das suas respectivas experiências, seja como rainha ou como boneca, contribuindo, dessa forma, para a manutenção da memória em torno dessa tradição, e, sobretudo, incentivando outras jovens a seguir o mesmo caminho.

Entre as entrevistas realizadas pelos crismandos, podemos destacar o interessante relato de L. B. S. S., eleita rainha da festa no ano de 1965. Em seu testemunho, a entrevistada afirmou:

Fui eleita rainha da festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória em 15 de agosto de 1965. Guardo no coração a felicidade de ter sido eleita e coroada rainha, servindo a Nossa Senhora da Glória. Queridas adolescentes, façam a experiência que eu fiz; não vamos deixar essa tradição acabar. Vamos agradecer a Deus e a Nossa Senhora. Gratidão!

Ainda no tocante às entrevistas conduzidas por crismandos em 2023, um outro relato relevante a ser convenientemente mencionado é o de F. M. V. S., eleita rainha da festa de Nossa Senhora da Glória exatos 47 anos mais tarde, isto é, no ano de 2012. No relato fornecido, nota-se aspectos em comum com a fala da outra mulher entrevistada, como a exortação às jovens da

cidade para se candidatar aos títulos de rainha ou boneca da festa, a fim de preservar a tradição que, como demonstramos, tem perdurado por décadas. Na entrevista, F. M. V. S. pontuou:

Fui eleita a rainha da festa da padroeira no ano de 2012, foi uma experiência única e maravilhosa, cheia de aprendizados na minha vida. Que essa tradição possa se manter por muitos e muitos anos, é uma tradição bonita, muito significativa e tão esperada nesse mês de agosto. Que nós, como cristãos, possamos participar, colaborar e incentivar as jovens e as crianças a se candidatarem a rainha e a boneca da festa, não como uma competição, mas sim, como uma forma de ajudar a paróquia a crescer cada vez mais.

Em uma matéria jornalística intitulada “Glória fez a maior festa”, localizada na edição do dia 4 de setembro de 1968 do periódico *A Defesa*, os redatores divulgaram um detalhamento das cifras referentes à arrecadação financeira obtida por ocasião do concurso que elegeu a rainha e as bonecas da décima edição da festa, que foi promovida precisamente naquele ano. Vê-se que as importâncias monetárias são apresentadas na imprensa acompanhadas pela sigla do cruzeiro novo (NCr\$), moeda que esteve em circulação no Brasil entre os anos de 1967 e 1970.

[...] houve concurso de Rainha: a senhorita Terezinha Pessoa foi eleita Rainha da festa, tendo arrecadado em votos a importância de NCr\$ 305,00. No concurso de Bonecas, saíram vitoriosas: Maria José Farias, que arrecadou NCr\$ 278,30, e Maria de Lourdes Barreto, que arrecadou NCr\$ 104,50. O pe. Henrique e o irmão Roberto ficaram muito alegres com o êxito imprevisto da festa.

Ainda no periódico *A Defesa*, mas, dessa vez, no número do dia 3 de setembro de 1972 – que dedicou extensos e numerosos textos às comemorações alusivas ao sesquicentenário da Independência –, uma matéria diminuta, situada no canto inferior esquerdo da última página, e intitulada “Glória em Festa”, cita o concurso de rainhas e bonecas realizado durante a décima quarta edição da festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória. Os redatores comunicam:

Entre os fatos notáveis, vale a pena salientar a colaboração do Sindicato Rural, da Cooperativa N. Sra. Da Glória e dos moradores do bairro Brasília, bem como o trabalho das senhorinhas Lindete e Maria Isabel, respectivamente Rainha e Princesa da festa, e da encantadora bonequinha Josefina. O concurso em que tomaram parte as duas senhorinhas e a garota Josefina rendeu mais de mil cruzeiros para as obras da Matriz. O pe. Gregório, sempre incansável, viu assim mais uma vez coroados de êxito os seus esforços na região sertaneja.

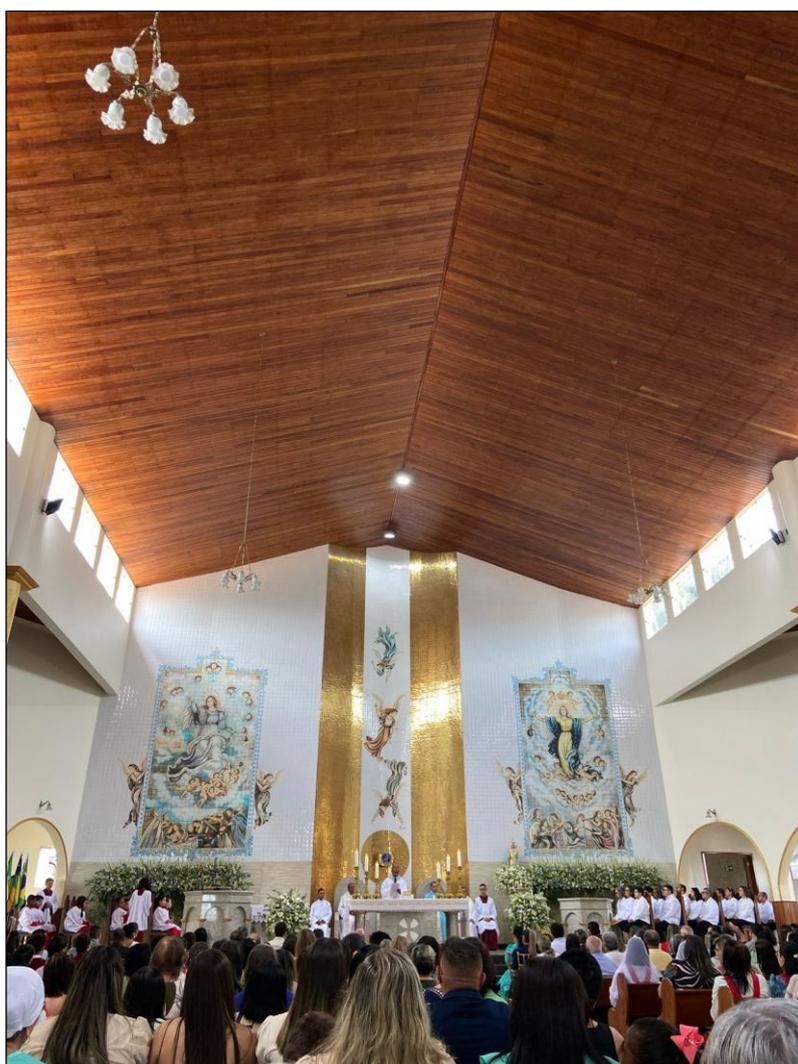
A matéria parcialmente reproduzida acima menciona os recursos financeiros angariados no concurso de 1972, sendo que as entrelinhas do texto aqui transcrito revelam o fato de que a moeda circulante já não era a mesma do fim dos anos 1960; os realizadores da festa não mais arrecadaram cruzeiros novos, mas sim cruzeiros (Cr\$), que circularam entre 1970 e 1986.

Por meio dessas matérias, podemos perceber o quão positivo é o concurso citado para a paróquia, tendo em vista a sua capacidade de mobilizar as famílias católicas da cidade em prol

do desenvolvimento da igreja e também do município, de modo geral. Torna-se possível notar, ademais, que a promoção do concurso de rainhas e bonecas da festa na padroeira é longa na cidade, já que perdura até os dias atuais, configurando-se como um elemento de continuidade.

No último dia da festa da padroeira, realiza-se a Missa Solene (Fotografia 1), geralmente às 10h da manhã. A celebração reúne fiéis, autoridades locais e religiosas, e conta, também, com a presença de padres das cidades vizinhas, com o intuito de festejar o dia solene dedicado à Nossa Senhora da Assunção, no qual se comemoram diversos títulos dedicados à Virgem Maria, inclusive o de Nossa Senhora da Glória.

Fotografia 1. Missa solene, 15 de agosto de 2023.



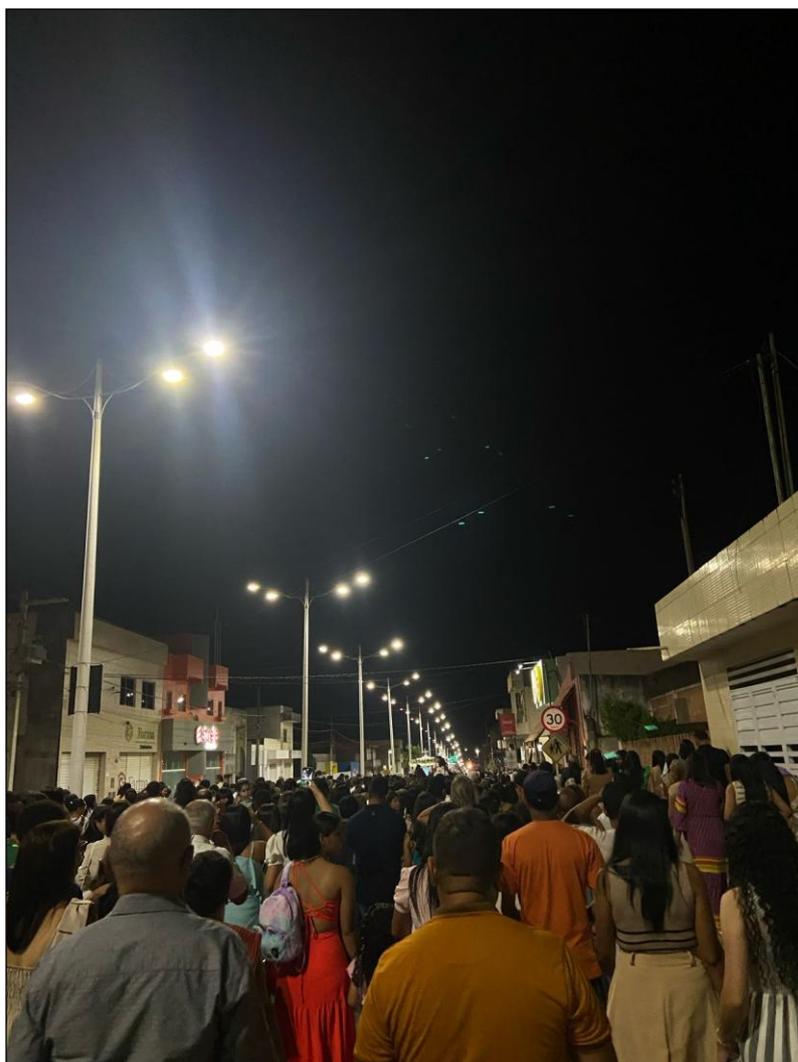
Fonte: acervo da autora.

15 de agosto é uma data festiva para a cidade, tendo em vista que é quando ocorre a tradicional procissão da padroeira (Fotografia 2), cujo trajeto é iniciado na Praça Léon Gregório e percorre algumas ruas da cidade, com o andor da santa. Na procissão, respeita-se uma ordem

de organização: em primeiro lugar, o andor com a imagem da santa; após ele, seguem, em geral, as autoridades eclesíásticas, os coordenadores dos grupos e das pastorais da igreja, e, por fim, os demais devotos, os quais tomam parte dessa solenidade cantando e louvando a Deus.

Como dito, a imagem da santa é colocada em um andor (Fotografia 3), que, por sua vez, é decorado com variadas flores, uma coroa e outras ornamentações, a fim de elevar a admiração dos fiéis perante a santa no dia da sua comemoração; uma forma de prestigiar e agradecer pelas bênçãos alegadamente concedidas para a cidade, para a paróquia e para os fiéis.

Fotografia 2. Procissão, 15 de agosto de 2024.



Fonte: acervo da autora.

Na última imagem selecionada (Fotografia 4), apresenta-se o andor da santa arrumado especialmente para a procissão do Dia dos Pais, cuja missa se inicia em frente ao cemitério paroquial; uma forma de rememorar os pais falecidos da cidade. O cortejo segue percorrendo as ruas do município em direção à igreja. Prossegue-se, então, com o rito da Santa Missa.

Nessa mesma imagem, constata-se que o andor da santa é segurado apenas por mulheres, o que demonstra o carinho, a força e a admiração femininas perante a Virgem Maria.

O cortejo é realizado com a presença da filarmônica *Agnus Dei*, que, com sua música instrumentalizada, consegue conferir um tom contemplativo para a festa da padroeira, e, em especial, para o momento de recordação dos pais falecidos.

Fotografia 3. Imagem da santa, 15 de agosto de 2023.



Fonte: acervo da autora.

Durante a pandemia de covid-19, mais precisamente entre os anos de 2020 e 2021, as igrejas tiveram que se adaptar ao modo on-line de celebrar as missas, bem como as novenas e as festas de seus padroeiros. No contexto da festa de Nossa Senhora da Glória, não foi diferente; foi necessário recorrer à transmissão virtual das celebrações, sendo que a quantidade de pessoas fisicamente presentes era limitada devido ao risco de contágio pela doença. No dia 15 de agosto, especificamente na Missa Solene, apenas os indivíduos que portavam senhas foram autorizados

a participar da celebração presencial, visto que existia a necessidade de delimitar a quantidade de fiéis em meio à excepcionalidade do cenário pandêmico.

Fotografia 4. Procissão de entrada da Missa dos Pais, 13 de agosto de 2023.



Fonte: acervo da autora.

Durante as celebrações presenciais no contexto da covid-19, os fiéis que estivessem presentes precisavam obedecer às recomendações acerca do uso constante de máscara, além do uso de álcool em gel para higienizar as mãos e os locais. Os demais fiéis acompanhavam a festa através dos meios de comunicação da paróquia. A procissão no dia festivo não ocorreu como de costume; ainda assim, houve uma procissão pelas ruas da cidade com alguns automóveis, os padres e o andor da santa para abençoar o seu povo.

A presença de uma subjetividade inerente ao conteúdo dos testemunhos fornecidos pelos indivíduos entrevistados, e até mesmo ao teor dos textos da imprensa que se referem à festa da padroeira, permite-nos suscitar a tese de que o evento religioso problematizado nestas linhas se

configurou, ao longo do tempo, como um pilar de formação da identidade local do município sergipano de Nossa Senhora da Glória.

Considerações finais

Diante da inexistência de pesquisas historiográficas com enfoque na devoção a Nossa Senhora da Glória como elemento de formação cultural e da identidade da população residente no município homônimo do Alto Sertão Sergipano, empreendeu-se uma tentativa de elucidar a função exercida pela tradicional festa da padroeira sobre a construção dos aspectos religiosos e culturais da cidade. Recorrendo-se a fontes relevantes – como o Livro de Tombo paroquial, os jornais que noticiavam a realização do evento, relatos orais e registros fotográficos –, buscou-se delinear um panorama dos caracteres inerentes à festa que a tornaram, no decurso do tempo, capaz de mobilizar a sociedade no que se refere à manifestação da fé e da devoção popular.

Aventou-se, com base nas fontes consultadas para a elaboração da pesquisa, a hipótese de que a devoção a Nossa Senhora da Glória na região remonta aos primórdios da História do município, e, mesmo que seja imprecisamente longínqua, já era expressada antes da articulação do evento religioso de periodicidade anual. Nesse sentido, observamos que a festa da padroeira, que tem sido promovida desde fins da década de 1950, representa a consolidação e o ponto de culminância da histórica devoção à santa, expressada por parte dos cidadãos glorienses.

A partir da análise das matérias jornalísticas da imprensa sergipana, publicadas ao longo dos primeiros anos da festa em honra à santa padroeira de Nossa Senhora da Glória, evidenciou-se a permanência, desde o princípio do evento até a atualidade, de diversos dos seus elementos constitutivos, o que revela importantes continuidades relacionadas à dinâmica da festa. Nessa perspectiva, destacam-se as missas celebradas; procissões pedestre e motorizada; apresentações musicais de filarmônicas; e a eleição e coroação de rainhas e de bonecas.

Constatou-se, por intermédio de testemunhos coletados durante as entrevistas realizadas com pessoas envolvidas na organização do evento em questão, a demonstração de determinados sentimentos pessoais positivos no que tange à promoção da festa religiosa no município, como, por exemplo, afetividade, gratidão, pertencimento e admiração. Assim, ressaltou-se a existência de um empenho coletivo, por parte dos organizadores, no sentido de envidar esforços para que a celebração periódica da padroeira da cidade transcorra regularmente e sem adversidades. Os papéis do bispo diocesano, do pároco local e das demais autoridades eclesiais que atuam na execução da festa são de expressiva relevância, como é possível deduzir com base na descrição sequencial de solenidades e no relato fornecido pelo próprio pároco, também entrevistado.

Considerando o exposto no presente artigo, inferimos que a festa da padroeira de Nossa Senhora da Glória se apresenta como formadora da cultura e da identidade social dos cidadãos católicos glorienses, os quais se mobilizam coletiva e periodicamente, sempre no mês de agosto, para expressar a sua fé, louvando devotamente a santa que nomeia o município sergipano.

Fontes

Jornais de Sergipe: *A Cruzada* (8/8/1959 e 4/8/1962) e *A Defesa* (22/8/1962; 4/9/1968; 7/9/1971 e 3/9/1972);

Livro do Tombo I (1959-1971) – Paróquia Nossa Senhora da Glória/SE;

Registros fotográficos (2023 e 2024);

Testemunhos orais obtidos por crismandos (L. B. S. S.; F. M. V. S.), Nossa Senhora da Glória, 2023;

Testemunhos orais realizados pela pesquisadora (M. de D. A. S.; O. F. C. das V.; M. de L. V. dos S.), Nossa Senhora da Glória, 2025.

Referências

Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Editora FGV, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LONDOÑO, Fernando Torres. Imaginária e devoção no catolicismo brasileiro: notas de uma pesquisa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 21, 2000.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, pp. 200-12, 1992.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

SANTOS, Keile Jayne Nascimento. **Feira livre de Nossa Senhora da Glória como patrimônio imaterial do estado de Sergipe**. 2024. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2024.

Digitais

Jornais de Sergipe. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

PREFEITURA DE N. SA. DA GLÓRIA. **História do município**. 2021. Disponível em: <https://gloria.se.gov.br/texto/historia-do-municipio/1>. Acesso em: 20 jan. 2025.